



Chimamanda Adichei

Tradução livre da intervenção em TED 2009
(Tecnologia, Entretenimento, Design)

O PERIGO DA HISTÓRIA ÚNICA

Eu sou uma contadora de histórias. E gostaria de vos contar algumas histórias pessoais sobre aquilo a que gosto de chamar 'o perigo da história única'.

Cresci num campus universitário na parte oriental da Nigéria. A minha mãe diz que comecei a ler aos dois anos, embora eu pense que 'aos quatro' esteja provavelmente mais perto da verdade. Fui, assim, uma leitora precoce ... e o que eu lia eram livros infantis britânicos e americanos. Fui também uma escritora precoce. E quando, por volta dos sete anos, comecei a escrever, a lápis, histórias ilustradas a lápis de cor, que a minha pobre mãe era obrigada a ler, eu escrevia histórias exactamente do tipo das que andava a ler. Todas as minhas personagens eram brancas e de olhos azuis. Brincavam na neve. Comiam maçãs. E falavam muito do tempo e de como era delicioso que o sol tivesse aparecido.

Isto, apesar do facto de eu viver na Nigéria. E de nunca ter saído da Nigéria. Nós não tínhamos neve. Nós comíamos mangas. E nunca falávamos do tempo, porque não havia necessidade disso. As minhas personagens bebiam, também, muito ginger-ale, porque as personagens dos livros britânicos que eu lia bebiam ginger-ale. Não importava que eu não fizesse a mínima ideia do que o ginger-ale era. E, depois disso, ao longo de muitos anos eu sentia o desejo desesperado de experimentar ginger-ale.

Mas isso é outra história! O que isto demonstra, penso eu, é o quão impressionáveis e vulneráveis nós somos perante uma história; e nós, particularmente enquanto crianças. E, porque tudo o que eu lera tinham sido livros cujas personagens eram estrangeiras, convenci-me de que os livros, pela sua própria natureza, tinham de incluir estrangeiros e ser sobre realidades com as quais eu não me podia pessoalmente identificar. As coisas, porém, mudaram quando descobri os livros africanos. Não eram muitos os disponíveis e não eram tão fáceis de encontrar como os livros estrangeiros. Foi, contudo, graças a escritores como Chinua Achebe e Camara Laye que eu mudei mentalmente a minha percepção da literatura.

Apercebi-me de que pessoas como eu, raparigas de pele cor de chocolate, cujo cabelo encaracolado não dava para fazer rabos-de-cavalo, também podiam existir na literatura. Comecei, então, a escrever sobre coisas que reconhecia.

Ora bem, eu amei aqueles livros americanos e britânicos que li. Eles agitaram a minha imaginação, abriram-me novos mundos. Só que a consequência não prevista disso foi eu desconhecer que pessoas como eu podiam existir na literatura.

Assim, o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi isto: salvou-me de ter uma história única sobre aquilo que os livros são.

Eu venho de uma família Nigeriana, convencional da classe média. O meu pai era professor universitário, a minha mãe administradora. E nós tínhamos, como era costume, pessoal doméstico interno que frequentemente era oriundo de aldeias próximas. No ano em que eu fiz oito anos, entrou um empregado novo, um rapaz. Chamava-se Fide.

A única coisa que a minha mãe nos disse sobre ele foi que a sua família era muito pobre. A minha mãe mandava batata-doce e arroz e as nossas roupas usadas à família dele. E quando eu não acabava o jantar, a minha mãe dizia-me: "Come tudo até ao fim! Não sabes que as pessoas como a família do Fide que não têm nada?" E eu sentia uma imensa piedade pela família do Fide. Então, num sábado, fomos à aldeia dele fazer-lhes uma visita. E a mãe dele mostrou-nos um cesto com um padrão lindo, feito de ráfia tingida que o irmão dele tinha feito. Eu fiquei atónita. Nunca me tinha ocorrido que alguém da família dele pudesse de facto criar algo.

Tudo o que eu tinha ouvido sobre eles era o quão pobres eles eram...

De tal modo que se me tornara impossível vê-los como algo mais do que simplesmente pobres.

A sua pobreza era a minha história única sobre eles.

Anos mais tarde, pensei sobre isto quando deixei a Nigéria, para ir para a Universidade nos Estados Unidos. Tinha eu dezanove anos. A minha companheira de quarto americana ficou chocada comigo. Primeiro, porque me perguntou onde tinha eu aprendido a falar inglês tão bem, e ficou confusa quando lhe disse que a Nigéria, por acaso, tinha o Inglês como língua oficial. Depois, ao perguntar-me se podia ouvir aquilo que ela designava por a minha "música tribal", ficou conseqüentemente muito desapontada quando eu desencantei a minha cassete da Mariah Carey. Presumira ainda também que eu não sabia como se usava um fogão.

O que me deixou atónita foi o seguinte: ela nunca me tinha visto e já tinha pena de mim. A sua postura perante mim, enquanto africana, era já à partida uma espécie de piedade paternalista cheia de boas intenções.

A minha companheira de quarto tinha uma história única sobre África.

Uma história única de catástrofe. Nesta história única não cabia a possibilidade de os africanos serem em alguma coisa semelhantes a ela. Não cabiam sentimentos mais complexos do que a piedade. Nenhuma possibilidade de relação enquanto seus equivalentes humanos.

Eu devo dizer que antes de ir para os Estados Unidos não me identificava conscientemente como africana. Mas nos Estados Unidos quando África surgia as pessoas viravam-se sempre para mim... Não importava que eu nada soubesse sobre locais como a Namíbia. Mas acabei por abraçar esta nova identidade. E em muitos aspectos eu agora penso em mim mesma como africana. Embora ainda me irrite bastante quando se referem a África como sendo um país. O exemplo mais recente disto foi o meu em tudo o resto maravilhoso voo de Lagos, há dois dias, em que num anúncio aos voos da Virgin se divulgava um trabalho caritativo 'na Índia, em África e outros países'. Enfim, só depois de ter estado vários anos nos Estados Unidos como africana, eu comecei a perceber a reacção que a minha companheira de quarto teve a mim.

Se eu não tivesse crescido na Nigéria, e se tudo o que eu soubesse sobre África não passasse de imagens populares, também eu imaginaria África como um local de belas paisagens, de belos animais e de pessoas incompreensíveis, embrenhadas em guerras sem sentido, morrendo de pobreza e s.i.d.a., incapazes de falar por si próprias e esperando ser um dia salvas por um estrangeiro branco e bondoso... Eu olharia os africanos da mesma forma que eu, enquanto criança, olhara a família do Fide.

Em última análise, esta história de África deriva, penso eu, da literatura ocidental. Veja-se uma citação dos escritos de um mercador londrino chamado John Locke, que navegou até ao oeste de África em 1561, e deixou um 'fascinante' testemunho da sua viagem. Depois de se referir aos africanos negros como "as bestas que não têm casas", escreve ainda: "são também pessoas sem cabeça, com a boca e os olhos no peito". Bem, eu sempre me ri ao ler isto. E nós não podemos deixar de 'admirar' a imaginação de John Locke.

Mas o que é realmente importante relativamente a esta escrita é que ela representa o início de uma dada tradição ocidental no contar de histórias africanas. Uma tradição de uma África subsariana enquanto um lugar de negativos, de diferença, de escuridão, de pessoas que, nas palavras do maravilhoso poeta, Rudyard Kipling, são "metade diabo, metade criança".

Então eu comecei a perceber que a minha companheira de quarto americana deveria ter, ao longo da vida, visto e ouvido diferentes versões desta mesma história única... Tal como um Professor meu que uma vez me disse que o meu romance não era 'autenticamente africano'. Ora bem, eu estava disposta a aceitar que houvesse alguns aspectos a corrigir no meu romance, que houvesse falhas aqui e ali. Mas o que eu nunca poderia ter imaginado era que ele falhara apenas por não possuir algo que se chamava 'autenticidade africana'. Na realidade, eu nem sabia o que a 'autenticidade africana' era. O professor disse-me que as minhas personagens eram demasiadamente parecidas com ele, uma pessoa instruída e da classe média. Conduziam os seus carros... Não morriam de fome... Logo, não eram autenticamente africanas.

Porém, eu tenho de brevemente acrescentar que também eu me sinto igualmente culpada na questão da história única.

Há uns anos atrás, fui dos Estados Unidos ao México.

O clima político nos Estados Unidos, na altura, era tenso.

Decorriam na altura debates sobre imigração. E, como muitas vezes acontece na América, a imigração tornara-se sinónimo de mexicanos. Havia histórias infundáveis sobre mexicanos, como pessoas que sobrecarregavam o sistema de saúde, se infiltravam pela fronteira, sendo presas na fronteira... Esse tipo de coisas.

Lembro-me de andar a passear no meu primeiro dia em Guadalajara, e de observar as pessoas a ir para o seu trabalho, a preparar as tortilhas para o mercado, a fumar, a rir. Lembro-me de me sentir, primeiro, levemente admirada e, depois, esmagada de vergonha. Apercebi-me de que tinha sido tão 'apanhada' pela cobertura que os media faziam dos mexicanos, que estes, na minha mente, se haviam convertido numa única coisa: o imigrante desprezível. Eu tinha embarcado na história única dos mexicanos e não podia sentir mais vergonha de mim.

E é assim que se cria uma história única: mostrando um povo como uma coisa, como uma única coisa, vezes sem conta. E é nisso que esse povo se torna.

Mas é impossível falar sobre a história única sem falar de poder.

E há uma palavra, uma palavra maligna, em que penso sempre que penso nas estruturas mundiais do poder. É em 'nkali' que penso, um substantivo que se traduz livremente por 'ser maior do que outro'. Tal como os nossos mundos económico e político também as histórias se definem pelo princípio do 'nkali' (como são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas histórias são contadas). Elas realmente dependem do poder. O poder é a capacidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas também de fazer dessa história a história definitiva dessa pessoa.

O poeta Palestino Mourid Barghouti escreve que se se quer desapropriar um povo, a forma mais simples de o fazer é contar a sua história, começando por: 'Em segundo lugar...'.

Se se começar a História com as setas dos nativos americanos ao invés de com a chegada dos britânicos, obter-se-á uma história completamente diferente. Se se começar a História com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano, obter-se-á uma história totalmente diferente.

Falei recentemente numa universidade, em que um estudante me disse que era uma verdadeira tristeza que os homens nigerianos fossem violadores, como a personagem do pai no meu romance. Eu disse-lhe que tinha acabado de ler um romance chamado Psicopata Americano e que era uma verdadeira tristeza que os jovens americanos fossem assassinos em série. (Bem, obviamente eu disse isto num leve ataque de irritação.)

Mas, nunca me passaria pela cabeça, só porque tinha lido um romance em que uma das personagens era um assassino em série, que essa personagem pudesse de algum modo ser representativa de todos os americanos.

E claro que isto não é por eu ser uma pessoa melhor do que o estudante, mas apenas porque, graças ao poder económico e cultural americano, eu tinha muitas histórias da América. Eu tinha lido Tyler e Updike e Steinbeck e Gaitskill. Eu não detinha uma história única da América.

Quando, há uns anos, ouvi alguém dizer que era provável que escritores com infâncias muito infelizes tivessem sucesso, comecei a pensar o modo de inventar coisas horríveis que os meus pais me tivessem feito.

Mas a verdade é que eu tive uma infância muito feliz, cheia de riso e amor, numa família muito unida.

Mas também tive avós que morreram em campos de refugiados. O meu primo Polle morreu por não ter tido uma assistência médica adequada. Um dos meus amigos mais próximos, Okolama, morreu num desastre de avião porque os nossos camiões dos bombeiros não tinham água.

Cresci sob governos militares repressivos que desvalorizavam a educação, de tal forma que, por vezes, os meus pais nem recebiam os seus salários.

E, por isso, quando era criança, vi primeiro desaparecer a geleia do pequeno-almoço, em seguida a manteiga vegetal, depois o pão ficou mais caro, depois foi o leite que teve de ser racionado. E mais do que tudo, uma espécie de medo político normalizado invadiu as nossas vidas.

São todas estas histórias que fazem de mim o que sou. Mas insistir apenas nestas histórias negativas é tornar rasa a minha experiência e esquecer tantas outras histórias que me moldaram.

A história única cria estereótipos. E o problema com os estereótipos não é o serem mentiras mas o serem incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história.

Claro que África é um continente cheio de catástrofes. Há as imensas, como as horripilantes violações no Congo; e as deprimentes, como o facto de 5000 pessoas se candidatarem para uma única vaga de emprego na Nigéria.

Mas há outras histórias que não são sobre catástrofes. E isso é muito importante, é exactamente tão importante falar sobre elas como sobre as primeiras. Eu sempre senti que me era impossível relacionar-me completamente com um lugar ou uma pessoa sem me relacionar com todas as histórias desse lugar ou dessa pessoa.

A consequência da história única é esta: rouba as pessoas na sua dignidade. Torna o reconhecimento da nossa humanidade partilhada difícil. Enfatiza como somos diferentes mais do que como somos semelhantes.

Assim, o que aconteceria se, antes da minha viagem mexicana, eu tivesse seguido o debate sobre imigração nas duas perspectivas: a dos Estados Unidos e a do México?

E se a minha mãe nos tivesse contado que a família do Fide era pobre e muito trabalhadora?

E se nós tivéssemos uma rede televisiva africana que divulgasse histórias africanas diferentes entre si por todo o mundo - o que o escritor nigeriano Chinua Achebe chama 'um equilíbrio de histórias'?

E se a minha companheira de quarto soubesse do meu editor nigeriano, Mukta Bakaray, um homem notável que deixou o seu emprego num Banco para seguir o seu sonho e começar uma editora?

Ora, o 'saber' convencional estabeleceu que os nigerianos não lêem literatura. Ele discordava. Ele sentia que as pessoas que soubessem ler, iriam ler se a literatura lhes fosse tornada acessível e disponível.

Pouco depois de ter publicado o meu primeiro romance, fui a uma estação de televisão, em Lagos, para ser entrevistada. E uma mulher que lá trabalhava como correio veio ter comigo e disse-me: "Eu gostei muito do seu romance. Só não gostei do final e por isso tem de escrever uma continuação, e o que vai acontecer é o seguinte:..." E continuou dizendo-me o que escrever na continuação. Não fiquei apenas encantada, fiquei muito comovida. Ali estava uma mulher, parte da massa comum de nigerianos que não se suporia serem leitores. Ela não tinha apenas lido o livro, ela tinha-se apossado dele ao ponto de isso justificar o direito de me dizer o que escrever na continuação.

E se a minha companheira de quarto soubesse da minha amiga, Fumi Onda, uma mulher audaciosa que é tem um programa televisivo em Lagos e que está decidida a contar as histórias que nós preferiríamos esquecer?

E se a minha companheira de quarto soubesse da cirurgia ao coração que foi levada a cabo no hospital de Lagos, na passada semana?

E se a minha companheira de quarto soubesse da música nigeriana contemporânea - pessoas talentosas, cantando em Inglês e Pidgin e Igbo e Yoruba e Ijo, misturando influências que vão desde Jay-Z até Fela, até Bob Marley, até aos seus avós?

E se a minha companheira de quarto soubesse da advogada que recentemente foi a tribunal na Nigéria, desafiar uma lei ridícula que exigia que as mulheres tivessem o consentimento dos maridos antes de renovar os seus passaportes?

E se a minha companheira de quarto soubesse de Nollywood, cheio de pessoas inovadoras que fazem filmes, apesar dos grandes contratemplos de ordem técnica? Filmes tão populares que são, deveras, o melhor exemplo dos nigerianos a consumir aquilo que produzem?

E se a minha companheira de quarto soubesse da minha magnífica e ambiciosa entrançadora que acaba de começar o seu próprio negócio, vendendo extensões de cabelo?

Ou dos milhões de outros nigerianos que começam os seus negócios e por vezes fracassam, mas continuam a perseguir a sua ambição?

Sempre que estou em casa sou confrontada com as fontes habituais de irritação para a maioria dos nigerianos: a nossa infra-estrutura falhada, o nosso governo fracassado. Mas também com a incrível resistência das pessoas que singram apesar do governo, em vez de devido a ele.

Eu dou workshops de escrita criativa em Lagos todos os Verões. E para mim é extraordinário ver o número de pessoas que neles se inscrevem, ver quantas pessoas estão ansiosas por escrever, por contar histórias.

O meu editor nigeriano e eu demos agora início a uma acção chamada Fundo Parafina de fins não-lucrativos. E temos grandes sonhos de vir construir bibliotecas e a renovar bibliotecas que já existem, e providenciar livros a escolas estatais que nada têm nas suas bibliotecas, e também de organizar muitos e muitos workshops, de leitura e escrita, para todas as pessoas que estão ansiosas por contar as nossas muitas histórias.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias têm sido usadas para desprover e trazer o maligno. Mas as histórias também podem ser usadas para potenciar e para humanizar. As histórias podem quebrar a dignidade de um povo. Mas as histórias também podem reparar essa dignidade quebrada.

A escritora Americana Alice Walker escreveu isto sobre os seus parentes sulistas que se mudaram para o Norte. Ela apresentou-os num livro sobre a vida sulista que haviam deixado para trás: "Eles sentaram-se em volta, lendo eles mesmo o livro, ouvindo-me ler o livro, e uma espécie de paraíso foi reconquistado".

Eu gostaria de terminar com este pensamento: de que quando rejeitamos a história única, de que quando nos apercebemos de que nunca há uma história única sobre nenhum lugar, reconquistamos uma espécie de paraíso.